

# Orquestra Sinfónica

## do Porto Casa da Música

**Stefan Blunier** direção musical  
**Jonathan Ayerst** piano

16 mar 2024 · 18:00 Sala Suggia



casa da música

APOIO



ernst von siemens  
music foundation

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



---

1ª PARTE

**Kaija Saariaho**

*Du Cristal* (1990; c.19min)

**Magnus Lindberg**

*Feria* (1997; c.17min)

---

2ª PARTE

**Vasco Mendonça**

*Step Right Up*, para piano e orquestra (2018; c.23min)

1. Joyful, celebratory —
2. Nostalgic, somewhat desperate
3. Triumphant

# Kaija Saariaho

HELSÍNQUIA, 1952 – PARIS, 2023

## *Du Cristal*

Kaija Saariaho, uma das compositoras mais importantes e influentes do nosso tempo, deixou-nos há menos de um ano. Para a posteridade fica uma obra muito rica e consistente, em que se cruzam — como dois lados da mesma moeda — ciência e poesia, organização intelectual e impacto expressivo, complexidade e simplicidade. Por um lado, Saariaho constrói meticulosamente as suas obras, frequentemente com o auxílio de programas de computador; por outro, transparece da sua música uma atmosfera emocional intensa, que ao longo dos anos se foi abrindo a um lirismo cada vez mais assumido.

Tal como o seu compatriota e (quase) contemporâneo Magnus Lindberg, Saariaho começou por frequentar a Academia Sibelius em Helsínquia, onde foi aluna de Paavo Heininen, antes de rumar para o centro da Europa. Aí estudaria em Friburgo, entre 1981 e 1983, com Klaus Huber e Brian Ferneyhough. Em 1982, começou também a frequentar os cursos de informática musical no IRCAM, em Paris, estabelecendo-se nessa cidade. O trabalho no IRCAM e a deslocação para França foram decisivos no seu trajeto composicional, em particular por terem reforçado a sua ligação à chamada música espectral, que desde meados da década de 1970 tinha nesse país um dos principais centros, com os compositores Gérard Grisey e Tristan Murail como protagonistas. Saariaho ouvira a música de Grisey e Murail pela primeira vez em 1980, nos Cursos de Verão de Darmstadt, e logo ficou fascinada pela novidade dessa música caracterizada por transformações graduais da matéria sonora, pelo recurso a conceitos da acústica e

psicoacústica como base para a composição musical e pela busca de uma fusão entre sonoridades acústicas e eletrónicas.

Todos esses elementos da estética espectral seriam muito importantes para Saariaho, manifestando-se em obras como *Verblendungen* (1984), para orquestra de câmara e eletrónica pré-gravada, e *Lichtbogen* (1986), para ensemble e eletrónica em tempo real. Se essas obras a estabeleceram como uma das principais representantes de uma segunda geração de compositores espectrais, revelaram também uma voz original, com uma poesia sonora muito particular, simultaneamente onírica e sensual. Sem abandonar essas características, ao longo das décadas seguintes a música de Saariaho abraçou novos caminhos, incorporando um elemento melódico (praticamente ausente da música espectral original) e um discurso musical mais imprevisível e dramático (em contraposição com a tendência do espectralismo para um discurso contínuo e linear). O dramatismo e lirismo crescentes da sua música permitir-lhe-iam tornar-se, no novo século, uma das mais importantes compositoras de ópera, com obras como *L'amour de loin* (2000), *Emilie* (2008) e *Innocence* (2018).

Composta entre 1989 e 1990, *Du Cristal* é próxima da estética das obras dos anos 80, ainda que revele já um maior pendor dramático. É também a primeira peça de Saariaho para grande orquestra, resultando de uma encomenda conjunta do Festival de Helsínquia e da Orquestra Filarmónica de Los Angeles. Na verdade, a compositora deparou-se em 1989 com a circunstância de ter recebido duas encomendas para grande orquestra (a outra era da Rádio Finlandesa). Respondeu ao desafio compondo duas obras que, embora cada uma delas seja completa em si mesma, constituem um díptico em que a *Du Cristal*

## Magnus Lindberg

HELSÍNQUIA, 1958

### Feria

A carreira de Magnus Lindberg como compositor atravessa já mais de quatro décadas. As primeiras obras, como *Arabesques* (1978) e *Linea d'ombra* (1981), são ainda do seu período de formação — primeiro na Finlândia, onde estudou com Rautavaara e Paavo Heininen, e depois noutros países europeus, onde trabalhou com compositores como Ferneyhough, Lachenmann, Globokar e Grisey. As obras mais recentes, como o Terceiro Concerto para piano (2022) e o Concerto para viola (2024), resultam de importantes encomendas conjuntas de múltiplas instituições internacionais, atestando o estatuto de Lindberg como um dos mais reconhecidos e solicitados compositores da atualidade.

Ao compararmos as obras que Lindberg foi escrevendo ao longo da sua vida, notamos muitas características que foram mudando, mas também aspetos que têm permanecido. Numa primeira escuta, talvez as mudanças sejam mais óbvias. Se compararmos uma obra como *Kraft* (1985) com outra como *Two Episodes* (2016), poderá ser difícil, até, reconhecer o mesmo compositor: a violência expressiva selvagem da primeira obra, de caráter mais dissonante e experimental, dá lugar à sobriedade e aparência mais conservadora da segunda, em que há várias referências diretas à música de Beethoven. A mudança estilística de Lindberg, no entanto, foi gradual. Já na década de 1990 se notava uma abertura a sonoridades mais transparentes e consonantes, numa abordagem que o próprio assumiu como mais “clássica”. Com essa inflexão, Lindberg conquistou novos adeptos, mas também detratores: por

se sucede ... à *la fumée* (1990). Os títulos são retirados do livro *Entre le cristal et la fumée: essai sur l'organisation du vivant*, do biofísico e filósofo francês Henri Atlan. De acordo com o musicólogo Risto Nieminen, referem-se a um elemento de contraste entre as duas obras: na primeira, a imagem do *cristal* “é um exemplo clássico de ordem repetitiva, de simetria, de uma massa compacta, permanente”; por contraste, na segunda peça a imagem do *fumo* remete para “um estado de metamorfose constante, caprichoso, evolutivo. O cristal está para o fumo assim como a ordem está para a entropia, para o caos”.

*Du Cristal* começa com uma sonoridade orquestral complexa, que poderá lembrar o som de um sino. Ao longo dos primeiros minutos da obra, temos uma sensação de algo simultaneamente estático e em movimento: a sonoridade inicial parece estar sempre lá, imutável, mas vamos ouvindo diferentes detalhes, como se viajássemos em câmara lenta dentro do próprio som. Aos poucos, a música começa a ganhar cada vez mais energia, com a prevalência de ritmos crescentemente caóticos na percussão e a presença de sonoridades mais dissonantes e ruidosas nos restantes naipes. Tudo isso acaba por nos conduzir, em diferentes vagas, a pontos de clímax cada vez mais violentos, após os quais a tensão gradualmente se desvanece. Apesar de a peça ser marcada por todas essas transformações progressivas, típicas da música espectral, mantém-se do princípio ao fim uma atmosfera muito peculiar, simultaneamente distante e enigmática, lembrando talvez um sonho.

um lado, o seu estilo tornou-se mais acessível ao grande público; por outro, os arautos da vanguarda experimental denunciaram uma presumível traição à causa do modernismo.

A par desses elementos mutáveis, algumas características são transversais a toda a obra de Lindberg, definindo a sua identidade. Tal como o seu compatriota Sibelius, Lindberg é essencialmente um compositor orquestral, não só no sentido em que é para orquestra que tem escrito a maior parte da sua música, mas também porque gosta de trabalhar com massas sonoras densas, mesmo em obras escritas para menos instrumentos. Uma outra característica é a tendência para o virtuosismo e a velocidade: quase sempre a sua música é rápida e agitada, só muito raramente lenta; é uma música de ação, não de contemplação. E, por fim, as peças de Lindberg assemelham-se a narrativas musicais, na medida em que a sua forma e discurso evocam uma espécie de drama abstrato. Já numa entrevista de 1993, dizia que “a música é uma arte de expressão dramática”, acrescentando estar interessado em que as suas peças sugerissem personagens de um drama e que tivessem “uma direção, um desenvolvimento, uma evolução entre o princípio e o fim”.

Todas estas qualidades se manifestam em *Feria* (1997), uma obra do referido período de transição estilística nos anos 90. Um dos momentos mais salientes da peça é logo o seu início, em que ouvimos uma fanfarrinha exuberante nos trompetes, reforçados pelos oboés e flautins. Trata-se de um tema musical recorrente, com uma melodia e um ritmo distintivos e memoráveis, que facilmente podemos ficar a cantar no final do concerto. *Feria* foi, na verdade, uma das primeiras obras em que Lindberg aplicou este princípio bastante clássico de apresentar, como centro nevrálgico da obra, um tema musical claramente reconhecível (um

outro exemplo é o Concerto para clarinete de 2001). No caso de *Feria*, o tema recorrente é algo mais do que uma simples personagem abstrata, tendo também um conteúdo descritivo ou programático. Tal como o compositor refere numa nota de programa, “*Feria* é a palavra espanhola para um festival ou feira ao ar livre, a cuja exuberância esta obra alude. Na secção inicial (...) as fanfarras do trompete anunciam um espetáculo público animado”.

Como é típico da música de Lindberg, *Feria* apresenta uma espécie de grande arco dramático. A peça divide-se essencialmente em três secções: uma primeira turbulenta e conflituosa, em que são expostas as ideias principais; uma secção central mais calma, começando com música lenta e majestosa em *tutti*, onde se incluem referências ao célebre “Lamento de Ariana” de Claudio Monteverdi, e continuando para uma parte virtuosística feita de múltiplos solos, numa orquestração mais leve; por fim, regressa o *tutti* agitado, mas agora caminhando para uma maior estabilidade e pacificação, como se os conflitos dramáticos fossem gradativamente resolvidos.

Composta em 1997 e estreada a 11 de agosto desse ano pela Orquestra da Rádio Finlandesa, sob a direção de Jukka-Pekka Saraste, *Feria* é a primeira peça de um tríptico orquestral, de que fazem também parte *Cantigas* (1999) e *Parada* (2001). De acordo com Lindberg, a ideia do tríptico surgiu paulatinamente, apenas ao compor a segunda peça. Apesar das afinidades entre as três obras, é raro serem apresentadas conjuntamente, já que a duração total é de quase uma hora, resultando num concerto que o próprio compositor reconheceu ser “algo pesado”. Para quem ouvir a música em casa, contudo, fica a sugestão de escutar as três obras e descobrir as semelhanças.

DANIEL MOREIRA, 2024

# Vasco Mendonça

PORTO, 1977

## Compositor em Residência

Um longo caminho foi já percorrido por Vasco Mendonça desde 2007, ano em que foi o primeiro Jovem Compositor em Residência na Casa da Música. A sua música é hoje tocada por agrupamentos como o AskolSchönberg Ensemble, Spectra Ensemble, Nieuw Ensemble, Axiom Ensemble ou International Contemporary Ensemble (ICE), além de formações nacionais como a Orquestra Gulbenkian, o Drumming GP ou os agrupamentos da Casa da Música. Recebe encomendas de importantes festivais, entre os quais o Aix-en-Provence, Aldeburgh Music, Verbier, Musica Estrasburgo e November Music, e de salas de concerto como a Ópera Nacional dos Países Baixos, Ópera e Philharmonie de Paris, Lincoln Center, Concertgebouw de Amesterdão, La Monnaie, Grand Theatre du Luxembourg, Elbphilharmonie, Philharmonie de Colónia, de Singel, Casa da Música e Fundação Gulbenkian.

O seu interesse pela música cénica leva-o a trabalhar com algumas das companhias de teatro musical mais inovadoras da Europa, como o Music Theatre Wales, o Muziektheater Transparant e o LOD Muziektheater, e com encenadores como Katie Mitchell, Michael McCarthy e Luís Miguel Cintra.

Tem obras gravadas pelas editoras Naxos e Classic Concert. Estudou com Klaas de Vries e George Benjamin, foi distinguido com o Prémio de Composição Lopes-Graça e o ROLEX Mentor and Protégé Arts Initiative (recebendo orientação de Kaija Saariaho) e representou Portugal no International Rostrum of Composers da UNESCO.

A residência de Vasco Mendonça na Casa da Música em 2024 inclui a interpretação de seis obras, duas das quais são encomendas em estreia mundial, e um seminário para estudantes de composição.

## *Step Right Up*, para piano e orquestra

Um pianista sentado à frente dos músicos de orquestra é uma imagem estranha: partilha o mesmo espaço com aquela extraordinária mancha humana, mas está separado por uma mancha preta inerte, uma barreira física e simbólica. Não estando rigorosamente no mesmo lugar, domina o espaço — e é ameaçado por ele.

Com o seu instrumento passa-se algo de semelhante: tem uma relação com a orquestra, mas não há uma verdadeira intimidade — é como uma relação de cerimónia. Mas sobretudo uma relação de poder: pelo seu volume sonoro, âmbito, agilidade e resposta dinâmica, o piano é também o instrumento mais próximo da orquestra. Se a orquestra é uma esplêndida e caleidoscópica caixa de música, o piano é, seguramente, a mais deslumbrante das máquinas de som.

A palavra 'máquina' é importante: na imensidão de coisas que um piano pode ser, a precisão e clareza de uma máquina é talvez a metáfora mais apropriada para o instrumento — um mecanismo de acolhimento de mundos tão diversos como o da ornamentação barroca ou os rituais de sinos africanos. Materiais que acabaram por definir o carácter dos três andamentos (áspero e extrovertido; interior e crepuscular; processional e ondulante), procurando sempre, em cada um deles, um equilíbrio diferente entre piano e orquestra, uma relação dramática instável entre quase iguais.

VASCO MENDONÇA, 2018

## Stefan Blunier direção musical

Stefan Blunier tornou-se maestro titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música no início de 2021. A história de sucesso desta formação continua em 2023/24, com a profícuca colaboração entre maestro e orquestra em inúmeros concertos no Porto. Compromissos recentes levaram-no também à Orquestra Nacional de Lille, à Filarmónica de Copenhaga, à Orquestra da Suíça Romanda, à Sinfónica de Berna, à Orquestra Estatal de Darmstadt, à Sinfónica da Ópera de Toulon e à Sinfónica de Singapura.

Na sequência do êxito de *Wozzeck* de Berg, no Grand Théâtre de Genève, em 2017, Blunier foi imediatamente convidado para uma nova produção de *O Barão Cigano*. Dirigiu depois *Lohengrin* na Ópera de Frankfurt, onde foi bem-sucedido com *Daphne*, *Tristão e Isolda* e *Carmen*. É convidado frequente da Ópera Alemã de Berlim, onde se apresentou com *Carmen*, *Salomé* e *O Morcego*. Subiu aos pódios para *Diálogos das Carmelitas* de Poulenc na Ópera Estatal de Hamburgo, bem como para *Os Contos de Hoffmann* na Den Norske Opera (Oslo) e na Komische Oper (Berlim), e ainda para uma nova produção de *Der ferne Klang* de Schreker na Ópera Real Sueca. Regressou à Deutsche Oper am Rhein Düsseldorf/Duisburg para dirigir *Macbeth*, de Verdi. Ainda no campo operático, passou por cidades como Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda, Montpellier, Oslo, Berna e Londres.

Com produções como *Der Golem* de Eugen d'Albert e *Irrelohe* de Schreker, Blunier ajudou a Orquestra Beethoven e a Ópera de Bona a conquistarem prestígio para lá da sua região, durante o período em que foi diretor geral de música da cidade, até 2016. Ambas as óperas foram editadas pela Dabringhaus & Grimm e

receberam vários prémios: ECHO 2011 (*Golem*) e 2012 (*Irrelohe*), bem como o Prémio da Crítica Discográfica Alemã 2012 (*Irrelohe*). O seu trabalho com esta orquestra incluiu uma impressionante discografia, com obras raramente apresentadas de Bruckner, Liszt e Schmidt, bem como um ciclo dedicado a Beethoven.

Como convidado, dirigiu praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Sinfónica de Duisburg, o Frankfurt Museumskonzerte e muitas orquestras da Dinamarca, da Bélgica, do Extremo Oriente, da Suíça e de França. Entre os seus compromissos recentes, destacam-se a Sinfónica NHK, a Sinfónica Escocesa da BBC, a Sinfónica Nacional da Irlanda, a Filarmónica de Estugarda, a Sinfónica do Porto Casa da Música, a Staatsphilharmonie Rheinland-Pfalz, a Filarmónica do Sul dos Países Baixos, a Rádio Norueguesa e a Century Symphony Orchestra de Osaka. Paralelamente aos seus compromissos em Bona, foi maestro convidado principal da Orquestra Nacional da Bélgica (2010-2013).

Natural de Berna (Suíça), Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direção de orquestra na sua cidade natal e na Escola Superior Folkwang, em Essen. É fundador do Ensemble für Neue Musik Essen. Depois do sucesso alcançado nos concursos de direção de Besançon e Malko, foi nomeado maestro titular associado em Mannheim e diretor musical/maestro titular em Darmstadt (2001-2008), antes de assumir o seu mandato como diretor geral de música da Ópera e da Orquestra Beethoven de Bona (2008-2016).

## Jonathan Ayerst piano

Jonathan Ayerst é o pianista principal do Remix Ensemble Casa da Música desde 2000, com o qual tocou em importantes festivais como Wien Modern (Áustria), Wittener Tage für Neue Kammermusik, Donaueschinger Musiktage (Alemanha), Musica de Estrasburgo, IRCAM de Paris (França) e Huddersfield Contemporary Music Festival (Reino Unido). Trabalhou com os maestros Peter Rundel, Emilio Pomarico, Reinbert de Leeuw, Heinz Holliger, Peter Eötvös e Jörg Widmann, apresentando obras a solo e concertantes tais como o Concerto para piano e orquestra de Beat Furrer, *Oiseaux Exotiques* de Olivier Messiaen, *Variações para piano op. 27* e Concerto de Câmara de Anton Berg. Em 2021, foi convidado como solista para interpretar o Concerto para piano n.º 1 de Magnus Lindberg, acompanhado pela Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, dirigida pelo maestro Stefan Blunier — editado depois num CD da série *Live Recordings* da Casa da Música.

Paralelamente, conquistou reputação internacional como organista e improvisador. Após ser nomeado Fellow of the Royal College of Organists (Reino Unido), iniciou um doutoramento na Universidade de Sheffield, que veio a concluir em 2021 com a apresentação da tese *Learning to improvise as a Western Classical Musician: a Psychological Self-study*. No âmbito da sua investigação, teve aulas de improvisação barroca com Jürgen Essl na Universidade de Música e Artes Plásticas de Estugarda. Como resultado, desde 2018 tem dado cada vez mais recitais que incluem improvisações em vários estilos clássicos, além de *workshops* em que apresenta técnicas de improvisação a músicos com formação clássica, através de uma mistura de psicologia, filosofia e análise musical.

Na temporada de 2020/21, filmou um ciclo de recitais de órgão na Casa da Música, cada um centrado numa improvisação em estilo diferente (destaque para uma fuga inacabada de Johann Sebastian Bach — a Fantasia e Fuga em Dó menor, BWV 562 — e uma improvisação baseada na *Weinen, Klagen, Sorgen, Zagen* de Franz Liszt). Apresentou-se no Festival de Órgão de Santarém e na Temporada Música em São Roque, em Lisboa. Mais recentemente, foi convidado para tocar no Museu Nikolaikirche (Igreja de São Nicolau) e na Luisenkirche de Berlim, onde improvisou sobre pinturas ali expostas.

Jonathan Ayerst foi recentemente nomeado professor de Interpretação de Partituras na Universidade das Artes de Zurique. É ainda organista na Igreja Reformada de Witikon, em Zurique.

## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Stefan Blunier** maestro titular

**Leopold Hager** maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, entre os quais Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

As residências artísticas da Casa da Música promovem colaborações com compositores de renome, como Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury, Rebecca Saunders, Enno Poppe e, já em 2024, Vasco Mendonça. A forte marca portuguesa nesta temporada assinala-se com duas estreias mundiais de Vasco Mendonça, e uma outra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner; ou a colaboração com o solista João Barradas na interpretação do *Concerto para acordeão* de Luís Tinoco; ou a nova *Sinfonia Subjetiva* de António Pinho Vargas. A Orquestra evoca ainda a melhor música nacional de várias épocas, entre elas a *História Trágico-Marítima* de Fernando Lopes-Graça, sobre poemas de Miguel Torga, e vários títulos de Emmanuel Nunes.

As temporadas recentes foram marcadas por ciclos de integrais de Mahler, Prokofieff, Brahms, Bruckner, Beethoven, Rachmaninoff e Mozart. Em 2024 apresenta a integral dos concertos para piano de Prokofieff, convidando cinco solistas portugueses: Raúl da Costa, Artur Pizarro, Rafael Kyrychenko, João Xavier e Pedro Emanuel Pereira. São retomadas obras inesquecíveis como o *Requiem Alemão* de Brahms (com as vozes de Sara Braga Simões e André Baleiro), *Um sobrevivente em Varsóvia* de Schoenberg, *a Sagração da Primavera* de Stravinski e a *Terceira Sinfonia* de Mahler (com Natalya Boeva).

A Orquestra tem pisado os mais prestigiados palcos de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2024 toca ao lado do Arditti Quartet no âmbito dos concertos Rasonanz, apresentados pelo ciclo Musica Viva da Rádio da Baviera.

A discografia recente da Orquestra inclui álbuns monográficos de Lopes-Graça (Naxos), Luca Francesconi, Unsuk Chin, Georges Aperghis, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös e Magnus Lindberg, além de inúmeros compositores portugueses, e conquistou duas distinções internacionais com o título *Follow the Songlines* e com um disco de obras de Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989), entretanto convertida na Orquestra Clássica do Porto (1992) e na Orquestra Nacional do Porto (1997). Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.

**Violino I**

Evgeny Makhtin  
 Roumiana Badeva  
 Evandra Gonçalves  
 Maria Kagan  
 Andras Burai  
 Alan Guimarães  
 Emília Vanguelova  
 Tünde Hadadi  
 José Despujols  
 Vadim Feldblioum  
 Pedro Carvalho\*  
 Raquel Santos\*  
 Ana Luísa Carvalho\*  
 Joana Machado\*  
 Mariana Cabral\*  
 João Sá\*

**Violino II**

Ana Madalena Ribeiro  
 Nancy Frederick  
 Tatiana Afanasieva  
 Karolina Andrzejczak  
 Catarina Martins  
 Lilit Davtyan  
 Pedro Rocha  
 José Paulo Jesus  
 Mariana Costa  
 Paul Almond  
 Domingos Lopes  
 Nikola Vasiljev  
 Margarida Campos\*  
 Diogo Coelho\*

**Viola**

Mateusz Stasto  
 Isabel Pereira\*  
 Pedro Meireles  
 Anna Gonera  
 Biliiana Chamlieva  
 Emília Alves  
 Hazel Veitch  
 Jean-Loup Lecomte  
 Luís Norberto Silva  
 Carlos Monteiro\*  
 Cristiana Barreiro\*  
 Carolina Palha\*

**Violoncelo**

Nikolai Gimaletdinov  
 Hugo Paiva\*  
 Feodor Kolpachnikov  
 João Cunha  
 Michal Kiska  
 Beatriz Figueiredo\*  
 Aaron Choi  
 Tiago Mendes\*  
 Hrant Yeranosyan  
 Ana Sofia Leão\*

**Contrabaixo**

Florian Pertzborn  
 Joel Azevedo  
 Tiago Pinto Ribeiro  
 Nadia Choi  
 Altino Carvalho  
 Slawomir Marzec  
 Margarida Rocha\*  
 Georges Pereira\*

**Flauta**

Paulo Barros  
 Ana Maria Ribeiro  
 Alexander Auer  
 Angelina Rodrigues

**Oboé**

Aldo Salvetti  
 Pedro Teixeira\*  
 Roberto Henriques

**Clarinete**

Luís Silva  
 Carlos Alves  
 João Moreira  
 Ricardo Alves\*

**Fagote**

Gavin Hill  
 Robert Glassburner  
 Vasily Suprunov

**Trompa**

Nuno Vaz  
 José Bernardo Silva  
 Eddy Tauber

Hugo Carneiro  
 Hugo Sousa

**Trompete**

Ivan Crespo  
 Luís Granjo  
 Rui Brito

**Trombone**

Severo Martinez  
 Ricardo Pereira\*  
 Nuno Martins

**Tuba**

Luís Oliveira\*

**Tímpanos**

Jean-François Lézé

**Percussão**

Bruno Costa  
 Paulo Oliveira  
 Nuno Simões  
 André Dias\*

**Harpa**

Ilaria Vivan

**Piano/Celesta**

Luís Duarte\*

**Sintetizador**

Vitor Pinho\*

\*instrumentistas convidados

**Operação Técnica****Iluminação**

Bruno Mendes

**Palco**

Alfredo Braga  
 Amaro Machado  
 Fernando Gonçalves

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

